



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **13 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, segunda-feira, 21 de março de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO Obama: Brasil é exemplo democrático VEICULAÇÃO NACIONAL	1
O ESTADO DE SÃO PAULO 'Brasil não tem de focar comércio país a país" VEICULAÇÃO NACIONAL	3
O ESTADO DE SÃO PAULO 'Há poucas barreiras para exportar para os EUA" VEICULAÇÃO NACIONAL	4
FOLHA DE SÃO PAULO Nova Secretaria de Aviação Civil pode terceirizar os aeroportos VEICULAÇÃO NACIONAL	6
VALOR Pressão por mudanças em Jirau VEICULAÇÃO NACIONAL	7
VALOR Governo comemora reconhecimento VEICULAÇÃO NACIONAL	9
VALOR Eximbank anuncia linha de US\$ 1 bilhão VEICULAÇÃO NACIONAL	11
VALOR Chineses anunciam investimento de R\$ 4 bilhões no oeste da Bahia VEICULAÇÃO NACIONAL	12
BRASIL ECONÔMICO-SP VISITA DE OBAMA TRAZ AVANÇOS PARA O COMÉRCIO ENTRE BRASIL E EUA..... VEICULAÇÃO NACIONAL	13
BRASIL ECONÔMICO-SP EXIMBANK VAI DEMORAR PARA SAIR DO PAPEL VEICULAÇÃO NACIONAL	14
BRASIL ECONÔMICO-SP GOVERNO ESTUDA INCENTIVO A APORTES EM INOVAÇÃO..... VEICULAÇÃO NACIONAL	15
PORTAL PROTEC Tragédia no Japão leva empresas da Zona Franca de Manaus a buscar outros fornecedores..... VEICULAÇÃO NACIONAL	16
PORTAL A CRITICA Dilma Rousseff lança em Manaus campanha contra câncer de mama e colo do útero..... VEICULAÇÃO NACIONAL	17

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Obama: <u>Brasil</u> é exemplo democrático		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

O presidente dos EUA, Barack Obama, usou ontem o exemplo da consolidação democrática no Brasil para, de forma indireta, estimular a abertura do Ocidente Médio e do Norte da África – em especial a Líbia e o Egito – e a orientação desses países para a economia de mercado. Foi o ponto alto do discurso no Theatro Municipal do Rio, para cerca de 2000 convidados. Ele lembrou do passado da presidente Dilma Rousseff na resistência à ditadura e disse que aqueles que acreditam que a democracia é um obstáculo ao progresso “terão de se ver com o exemplo do Brasil” – foi bastante aplaudido. Vestindo terno, sem gravata, iniciou o seu discurso em português para mostrar simpatia: “Alô, Rio de Janeiro. Alô, cidade maravilhosa. Boa tarde, todo o povo brasileiro”. Obama fez vários elogios ao Brasil, em meio a ofertas de negócios que incluíram a infraestrutura para a Olimpíada. Disse estar disposto a tratar o Brasil como “parceiro igual”, mas evitou chamar o País de “estratégico”.

Em meio a ataques na Líbia, Obama enaltece democracia brasileira

Descontraído, americano faz saudações em português em seu discurso no Theatro Municipal e destaca semelhanças entre Estados Unidos e Brasil

Denise ChrisPIM Marin - O Estado de S.Paulo

Ao cobrir o Brasil de elogios, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, usou o exemplo da consolidação democrática no País para, de forma indireta, estimular a abertura de regimes ditatoriais do Oriente Médio e do Norte da África - em especial, a Líbia e o Egito - e a orientação desses países para uma economia de mercado. Obama insistiu na "parceria" entre os dois países do continente e afirmou que o Brasil joga "importante papel nas instituições globais que protegem nossa segurança comum e promovem nossa prosperidade".

O local escolhido foi o palco do Theatro Municipal, no centro do Rio, substituto da Cinelândia, a primeira escolha para o discurso de Obama aos brasileiros. O público de homens engravatados e de mulheres de salto alto tomou o lugar antes orientado para populares do Rio.

"Nos esforços para promover a paz e a prosperidade pelo mundo, os EUA e o Brasil são parceiros não só porque nós compartilhamos uma história e um hemisfério, não só porque nós compartilhamos laços comerciais e culturais, mas porque nós compartilhamos duradouros valores e ideias", afirmou.

"Nós acreditamos no poder e na promessa da democracia. Acreditamos que nenhuma outra forma de governo é mais efetiva para promover crescimento e prosperidade para beneficiar todo ser humano. E aqueles que argumentam em contrário - que acreditam ser a democracia um obstáculo no caminho do progresso - terão de se ver com o exemplo do Brasil", disse, certamente em referência ao líbio Muamar Kadafi. "O Brasil é um país que mostra que uma ditadura pode se tornar uma florescente democracia", sentenciou.

À brasileira. Obama subiu ao palco do Theatro Municipal do Rio de Janeiro sob forte aplauso da plateia de cerca de 2.000 pessoas. Apresentou-se vestido de terno escuro, sem gravata, e iniciou o seu discurso com sonoras palavras em português. "Alô, Rio de Janeiro! Alô, Cidade Maravilhosa! Boa tarde, todo o povo brasileiro", começou, valendo-se de seu natural carisma e dos teleprompters invisíveis à maior parte da plateia, que lhe permitiram ler o discurso.

Ao final de tantas considerações positivas ao Brasil, por ele tratado como um país com "soluções a cada dia", Obama tentou atingir seu outro forte objetivo: cativar os brasileiros e seus governantes para parcerias e negócios em áreas nas quais, supostamente, haverá benefícios para os dois lados.

O americano enumerou a necessidade de os dois países investirem em educação e inovação como meio de garantir a competitividade de suas economias. Insistiu na parceria em setores de energia limpa e de infraestrutura, nas quais prevê geração de empregos nos EUA e menor dependência de fontes instáveis de combustíveis. Chegou mesmo a tocar nas eternas travas ao comércio bilateral.

"Nós precisamos de infraestruturas de nível internacional. Por isso, as companhias americanas querem ajudar vocês a construir e preparar a cidade para que a

Olimpíada seja um sucesso", afirmou. "Eu estou aqui para contar a vocês que o povo americano não reconhece apenas o sucesso do Brasil. Nós torcemos por isso", afirmou.

Obama enfatizou que apesar de não haver coincidências entre os dois países em tudo, os Estados Unidos mantêm a disposição de não tratar o Brasil como um "parceiro júnior", mas sim em iguais condições e com base no respeito mútuo.

Repertório. Repleto de menções históricas comuns aos EUA e ao Brasil e de referências culturais brasileiras - como a estrofe mais conhecida de Jorge Benjor e frases do escritor Paulo Coelho - Obama tentou convencer a plateia sobre a naturalidade dessa parceria. Porém, em nenhum momento chamou o Brasil de "parceiro estratégico" - um grau mais elevado de compromisso.

Obama mencionou a paixão de sua mãe pelo filme "Orfeu Negro" (leia texto nesta página). Chegou a detalhar o fato de sua primeira exibição ter sido no mesmo Theatro Municipal.

Dilma. Entre menções da viagem de Dom Pedro 2º aos EUA, em 1876, e aos combates conjuntos das forças dos EUA e do Brasil na 2ª Guerra, Obama enfatizou a luta contra a ditadura no Brasil. Citou a Cinelândia, de onde partiu a

"caminhada dos 100 mil contra a ditadura militar", em junho de 1968, como o "lugar do chamado por mudança".

Por fim, destacou o passado da presidente Dilma Rousseff na resistência à ditadura, como meio de destacar a relevância da agenda internacional em favor dos direitos humanos. "Ela sabe o que é viver sem os mais básicos direitos humanos pelos quais muitos lutam ainda hoje. Sabe o que é perseverar. Ela sabe o que é vencer. Porque, hoje, essa mulher é a presidente da sua Nação, Dilma Rousseff."

Sobre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Obama fez uma citação indireta, ainda elogiando a "democracia florescente" que permitiu a "um menino pobre de Pernambuco ascender do chão de uma fábrica de cobre ao mais alto cargo do Brasil".

Barack Obama foi entusiasticamente aplaudido. Mas conseguiu mesmo a "interação com os brasileiros" ao mencionar a partida de futebol de ontem "do Vasco e Botafogo".

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO 'Brasil não tem de focar <u>comércio</u> país a país'		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Secretário de Obama diz que Brasil tem superávit total, mesmo com a Ásia, e não deve reclamar de déficit com os EUA

Raquel Landim - O Estado de S.Paulo

Gary Locke, secretário de Comércio dos Estados Unidos

O secretário de Comércio dos Estados Unidos, Gary Locke, disse ontem que "o Brasil tem de olhar para (os resultados) do comércio com o mundo, e não país a país". É uma resposta às críticas de autoridades e empresários brasileiros, insatisfeitos com o déficit de US\$ 7,7 bilhões registrado com os americanos no ano passado. O Brasil representa o quinto maior superávit dos Estados Unidos no mundo. Em entrevista ao Estado, o secretário lembrou, no entanto, que o Brasil tem superávit com a China, enquanto os Estados Unidos amargam déficit nessa relação.

Locke abandonou a comitiva de Obama, que seguiu para o Chile, para reuniões, hoje, com empresários em São Paulo. Ele demonstrou boa vontade para derrubar as barreiras contra a carne bovina e o etanol, mas não deu indicações concretas.

Defendeu que, antes da queda de barreiras e acordos de livre comércio, há passos "intermediários" a dar, que podem facilitar a vida das empresas dos dois países. Citou, como exemplo, o acordo de bitributação entre Brasil e EUA, que está em discussão há dez anos e evitaria que as empresas

que atuam nos dois países paguem impostos dobrados. A seguir, trechos da entrevista:

Em suas reuniões com autoridades do governo e empresários, o senhor ouviu muitas reclamações sobre o superávit dos Estados Unidos com o Brasil. Como o sr. responde a isso?

O mais importante é olhar o crescimento do comércio total do Brasil com o mundo inteiro. O Brasil tem um superávit importante, por exemplo, com a Ásia. Em realidade, tem um superávit importante com o restante do mundo. O Brasil está crescendo e fornecendo não apenas commodities, mas também produtos avançados, como aeronaves. Nas reuniões ontem, o ministro Palocci (Antonio Palocci, chefe da Casa Civil) já havia indicado que o Brasil tem de focar no comércio com todo o mundo, e não país a país.

Brasil e Estados Unidos assinaram um Tratado de Cooperação Econômica e Comércio (Teca). Existe disposição para um verdadeiro acordo de livre comércio?

Há muitos passos antes de um acordo de livre comércio. A assinatura do Teca ontem (sábado) foi um grande passo. Outro passo intermediário é o acordo de bitributação. Acordos de livre comércio são muito difíceis de negociar, e, às vezes temos de adotar outras medidas com benefícios significativos para as empresas brasileiras e americanas.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO 'Há poucas barreiras para <u>exportar</u> para os EUA'		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Raquel Landim - O Estado de S.Paulo

Gary Locke, secretário de Comércio dos Estados Unidos

Gary Locke, secretário de Comércio dos EUA, disse que a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2016, não dá a Pequim o direito de descumprir as regras da entidade. A seguir, a continuação da entrevista:

O Brasil cresceu 7,5% no ano passado. As empresas americanas podem aumentar suas exportações para o Brasil?

Estamos muito contentes com o rápido crescimento da economia brasileira. Há muitas oportunidades para aumentar o comércio bilateral, não apenas exportações dos EUA para o Brasil, mas também mais investimentos de empresas brasileiras e até exportações de produtos e serviços brasileiros nos EUA. É incrível o progresso do governo brasileiro, em que dezenas de milhares de pessoas saíram da pobreza para a classe média. E ocorrerá a Copa do Mundo em 2014 e a Olimpíada em 2016. Como o presidente Obama indicou, a hora do Brasil chegou. Podemos ajudar na infraestrutura.

Nos EUA, empresários e parlamentares criticam a política comercial de Obama por causa da demora em fechar os acordos de livre comércio.

É preciso entender que há poucas barreiras para empresas de outros países exportarem para os EUA. Mas as barreiras para as companhias americanas são muito altas. Não estamos começando no mesmo patamar. Os EUA são um dos países mais abertos do mundo. Se vão baixar mais as suas barreiras para os produtos coreanos, por exemplo, temos de ter certeza que a Coreia também vai reduzir significativamente as barreiras para deixar a situação mais ou menos equilibrada.

O presidente Obama disse no sábado que os EUA querem ser um dos maiores compradores de petróleo do pré-sal do Brasil. Mas como isso vai ocorrer? Os chineses, por exemplo, concederam um empréstimo de US\$ 10 bilhões à Petrobrás...

Obviamente, isso está aberto à discussão, mas os EUA podem ajudar. Quando o Brasil começar a vender esses recursos, desejamos ser um cliente próximo, com vantagens

como vender e embarcar rapidamente. A exploração de petróleo no Brasil é bem-vinda e queremos ser um cliente muito forte, se não formos o primeiro.

O Brasil está preocupado com o atraso na abertura do mercado americano para a carne bovina brasileira - como está previsto no acordo do algodão. Por que isso está ocorrendo?

O Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de carne bovina de alta qualidade. Essas discussões estão sendo encaminhadas pelo Departamento de Agricultura e pelo USTR (Escritório Comercial dos EUA). Mas queremos comprar a carne brasileira. Da mesma maneira que resolvemos o acordo do algodão, vamos conseguir resolver também essa questão.

O Congresso renovou a tarifa de importação contra o etanol brasileiro. No Brasil, cresce a percepção que Obama não está comprometido com a derrubada dessa barreira.

Nós sabemos que é muito importante promover os biocombustíveis. Um dos acordos assinados pelos dois presidentes é sobre isso. A administração Obama dá prioridade ao desenvolvimento de uma política energética para os EUA, que está parada no Congresso. Quando conseguirmos isso, poderemos incrementar a promoção de todos os biocombustíveis, o que será benéfico para os produtores nos EUA e no Brasil.

O sr. foi nomeado embaixador dos EUA na China. Em alguns anos, a China será reconhecida como economia de mercado, o que tornará mais difícil aplicar tarifas antidumping. Como EUA e Brasil devem se preparar?

Ainda não fui confirmado pelo Senado como embaixador na China. Estou ocupado com as minhas tarefas de secretário de Comércio. A China representa grandes oportunidades para os EUA e para o Brasil. Na verdade, o Brasil tem um superávit com a China, enquanto os EUA têm déficit. Em 2016, de acordo com os termos de sua entrada na Organização Mundial de Comércio (OMC), a China vai ser reconhecida como economia de mercado, mas terá de continuar seguindo as regras, sem praticar dumping ou subsidiar suas indústrias. Se outros países perceberem que a China não está agindo apropriadamente, ainda terão a autoridade legal e os mecanismos de reclamar. Como

economia de **mercado**, a China não terá licença para não seguir as regras da OMC.

Amanhã (hoje) o sr. tem encontros na Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e na Amcham (Câmara Americana de **Comércio**). Qual é a sua mensagem?

Estamos muito animados com o crescimento da economia brasileira e queremos ser parte dessa prosperidade. Com o presidente Obama disse, os EUA não veem o **Brasil** como um parceiro "júnior", mas como igual. É por isso que o presidente veio poucos meses depois de a presidente Dilma Rousseff

assumir. É um gesto de respeito e reconhecimento. Buscamos benefícios mútuos, que criem empregos em ambos os países.

QUEM É

Descendente de chineses, foi governador do Estado de Washington. Ocupa hoje o cargo de secretário de **Comércio**. Em março, foi indicado como o próximo embaixador dos EUA na China.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Nova Secretaria de Aviação Civil pode terceirizar os aeroportos		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

A presidente Dilma Rousseff criou a Secretaria de Aviação Civil, com poder para terceirizar a exploração dos aeroportos do país – a medida havia sido antecipada pela Folha.

O novo órgão absorverá toda a estrutura da aviação civil, como a Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) e a Infraero (estatal que administra os principais aeroportos brasileiros).

Dilma cria órgão que cederá aeroporto à iniciativa privada

Medida Provisória institui Secretaria de Aviação Civil, que também coordenará a Anac e a estatal Infraero. Estrutura de aviação civil será transferida à nova secretaria, ligada à Presidência e com o status de Ministério

SHEILA D'AMORIM

BRENO COSTA

DE BRASÍLIA

JULIO WIZIACK

DE SÃO PAULO

Depois de meses de discussão no governo, a presidente Dilma Rousseff criou a Secretaria de Aviação Civil com poderes para transferir à iniciativa privada o direito de explorar os aeroportos.

A criação do órgão foi antecipada pela Folha em janeiro. Vinculada à Presidência, terá status de Ministério e foi criado por medida provisória numa edição extra do "Diário Oficial da União".

Toda a estrutura da aviação civil, hoje sob o Ministério da Defesa, será transferida para a secretaria. Ela responderá por Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) e Infraero (que administra os principais aeroportos).

A presidente decidiu mandar a MP ao Congresso mesmo sem ter o nome do titular da pasta. O governo tentou convencer o presidente do grupo Safra, Rossano Maranhão, a aceitar o cargo. Mas ele não poderia assumir o cargo já, como queria Dilma.

Apesar de Maranhão ter interesse, seu desligamento exigiria alguns meses, e o governo avaliou que não poderia esperar. Cogitou-se que a pasta iniciasse o funcionamento com um ministro interino, mas Dilma não quis.

Segundo a Folha apurou, o nome mais cotado para a pasta é o do ex-ministro das Cidades Márcio Fortes. Outra alternativa é o presidente da Oi, Luiz Eduardo Falco.

No entanto, dentro do governo, a avaliação é que ele perdeu força por ter sido vice-presidente da TAM. Sua indicação daria à nova secretaria um "viés empresarial" muito forte, o que não seria recomendável na gestão.

Além disso, para assumir, Falco teria de rescindir seu contrato com a Oi. Antonio Palocci, ministro-chefe da Casa Civil, pediu à empresa que abrisse mão das cláusulas de rescisão do contrato que vence em novembro, caso ele fosse escolhido.

A nova secretaria terá 129 cargos -entre o gabinete, a secretaria-executiva e outras três secretarias ainda não definidas. A MP cria 100 vagas efetivas para controladores de tráfego aéreo e permite a prorrogação, até 2016, dos contratos de 160 controladores hoje temporários, que seriam dispensados em março.

Colaboraram VALDO CRUZ , de Brasília, e MARIANA BARBOSA , de São Paulo

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Pressão por mudanças em Jirau		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

As cenas de destruição e vandalismo dos últimos dias na usina de Jirau, em Rondônia, reacenderam o debate sobre a urgência de um "reposicionamento" nas relações da construtora Camargo Corrêa com trabalhadores, sindicatos, empresas prestadoras de serviços, Justiça e governo. E as pressões por mudanças devem afetar o cronograma de obras da usina. Em Porto Velho, avalia-se que a Camargo trabalha "no limite" para concluir a obra e cumprir os prazos apertados acertados com o governo. A Camargo informa ter iniciado ontem o "replanejamento" da obra, mas rejeita as observações. "Toda crítica tem que ser avaliada. E, se for correta, temos que corrigir os processos", disse ao Valor o presidente da Camargo Corrêa Construtora, Antonio Miguel. A empresa não sabe quando voltará a operar as máquinas nas obras.

Em Jirau, pressão por mudanças

Mauro Zanatta | De Porto Velho

As cenas de destruição e vandalismo registradas nos últimos dias na usina de Jirau, em Rondônia, reacenderam o debate sobre a urgência de um "reposicionamento" nas relações da construtora Camargo Corrêa com trabalhadores, sindicatos, empresas prestadoras de serviços, Justiça e governo. As pressões por mudanças nessas relações devem afetar o cronograma da usina, uma das maiores obras de infraestrutura em execução no país.

A destruição de boa parte do canteiro de obras, além da queima de carros e ônibus por parte dos 22 mil operários, despertou questionamentos de autoridades e lideranças locais para a necessidade de rever procedimentos, ajustar normas internas e formalizar regras mais transparentes para delimitar o raio de ação do consórcio construtor. O pânico vivido nas cidades próximas da usina e na capital do Estado, e a fuga em massa de quase 20 mil operários, reforçaram esses argumentos.

Em Porto Velho, avalia-se que a Camargo trabalha "no limite" para cumprir prazos apertados e os compromissos firmados com o governo. "Há uma instabilidade grande, um clima forte de descontentamento. É muita pressão e cobrança. O cronograma deles é apertado e eles atropelam. A Camargo tem que repensar escalas, prazos e quantidade de

gente. É o momento de refletir sobre a obra", diz Adélio Barofaldi, vice-presidente da federação das indústrias de Rondônia (Fiero). Dono de uma prestadora de serviços à Camargo, a quem aluga 50 ônibus e 90 carros, ele diz que a empreiteira "não dá muita chance de discutir e planejar" porque os executivos da área ficariam fora de Rondônia. "Em 2014, quando vier a demissão em massa, o que vão fazer ninguém sabe. A cidade não tinha esse pique. Criou-se uma bolha", diz.

A Comissão de Meio Ambiente do Senado aprovou a criação de um grupo para acompanhar as obras das usinas do rio Madeira. Proposto pelo senador Ivo Cassol (PP-RO), o grupo investigará as causas da rebelião em Jirau e a paralisação em Santo Antônio.

Na tentativa de antecipar novos problemas, o **Ministério** Público Federal vai criar, em conjunto com outras instituições, um "comitê de **monitoramento**" das obras de Jirau e da vizinha Santo Antônio, tocada pela Odebrecht. "Temos que tirar a limpo essa história, investigar causas e criar estratégias para evitar novos casos. Foi muito grave", avalia o procurador-chefe do MPF, Reginaldo Trindade.

Ele afirma que havia um "estado geral de greve" e "profunda insatisfação" dos operários por questões trabalhistas. Trindade afirma que a Camargo ainda não assinou um termo de ajustamento de conduta (TAC) para garantir direitos de rescisão e volta dos operários ao trabalho.

A Camargo informa ter iniciado ontem o "replanejamento" da obra, mas rejeita as observações e afirma ser "vítima" de vândalos e ter feito o "possível e o impossível" para remover mais de oito mil operários de Porto Velho. A empresa sustenta que não havia nenhuma reclamação até a eclosão dos tumultos no canteiro.

"Toda crítica tem que ser avaliada. E, se for correta, temos que corrigir os processos", disse ao Valor o presidente da Camargo Corrêa Construtora, Antonio Miguel. "Mas não havia movimento grevista nem pauta de reivindicações até o movimento dos vândalos".

Os operários reclamavam do corte de horas extras e de diferenças de remuneração em relação a empregados de

empresas terceirizadas. Miguel diz que a lei fixa limites máximos de horas extras e que não poderia pagar acima disso. Na obras, o salário médio supera R\$ 1 mil, segundo ele. A médias de extras chega a R\$ 350.

O presidente da Camargo afirma que a obra "vinha numa fase muito boa, de calma com a sociedade e os empresários de Rondônia". E diz manter, em Porto Velho, um diretor com "poder e autonomia quase total" para a obra. "Todo mundo me conhece, tem meus telefones. Estou aberto a ouvir e melhorar", diz Antonio Miguel. O executivo agradece o "papel das autoridades" e crê que o comitê proposto pelo MPF será "positivo" se vier para "melhorar e trazer soluções" à obra.

A empresa ainda não sabe quando voltará a operar as máquinas no canteiro de obras. A reconstrução das instalações destruídas na baderna da semana passada deve começar "em breve". Ainda há um clima de insegurança no canteiro. A Força Nacional de Segurança assumiu o controle da usina. Alguns poucos operários permanecem nos alojamentos da outra margem do rio Madeira.

No sábado, a reportagem não obteve autorização para entrar no canteiro sob alegação de falta de segurança. Em duas horas de espera, o movimento ficou limitado a cinco ônibus com operários e alguns carros particulares que recolhiam pertences de trabalhadores.

As carcaças queimadas de três ônibus permaneciam na entrada da usina, na estrada de acesso e na rodovia BR-364. Várias viaturas da Polícia Militar e da Polícia Rodoviária Federal circulavam pela BR. Três delas estacionaram na entrada principal. Os seguranças não quiseram falar sobre os atos de vandalismo na usina.

Após a megaoperação para receber e retirar os oito mil operários de outras cidades, a empresa informa que ainda restam 500 funcionários alojados em ginásios e pousadas da capital. A operação deve continuar hoje.

No sábado, o movimento de voos fretados alterou a rotina do aeroporto da capital. A cada momento, sob escolta da Polícia Federal, chegavam ônibus com operários que partiam para Teresina, São Luís e Belém. Muitos deles, apenas com a roupa do corpo. "Me deram R\$ 15, uma banana e um colchão. Vou só com uma bolsa e sem documento", dizia Luiz Feitosa Alves, originário do interior do Piauí.

Nas rodas de conversa de Porto Velho, o assunto ainda predomina. A boataria de saques e assaltos ao **comércio** fez várias lojas baixarem as portas. A Polícia Militar foi às ruas e informou não ter registrado ocorrências relacionadas a operários da usina.

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Governo comemora reconhecimento		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Paulo de Tarso Lyra | De Brasília

O governo Dilma Rousseff acredita ter conseguido o que queria da visita do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, ao Brasil no fim de semana: o reconhecimento do país, pela maior potência mundial, como um "poder global" e a manifestação pública de simpatia ao pleito brasileiro de ter um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Na avaliação de diplomatas e assessores da presidente Dilma, a visita serviu para restabelecer o canal de comunicação entre os dois governos, que se afastaram nos dois últimos anos da gestão Lula.

Além das conquistas diplomáticas, as autoridades brasileiras comemoram o fato de os dois países terem assinado dez acordos de cooperação, entre os quais, o Teca (sigla em inglês de acordo de cooperação econômica e comercial) e o que prevê a liberalização do mercado de aviação civil entre as duas nações. "A visita cumpriu plenamente os objetivos que o Brasil tinha planejado", afirmou o ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota, em conversa com assessores após o embarque de Obama para o Rio, na noite de sábado.

No comunicado conjunto dos dois presidentes, Obama disse ter "apreço" pelo pleito brasileiro de integrar o Conselho de Segurança da ONU de forma definitiva. "Foi um avanço, ainda mais sabendo das dificuldades para a concretização desse pleito", disse ontem um diplomata brasileiro, lembrando que um dos maiores aliados dos EUA - o México - também quer um assento no Conselho e nunca teve o apoio dos americanos.

Havia o receio por parte de autoridades brasileiras de que a abstenção do Brasil, na véspera da visita de Obama, durante a votação, na ONU, da resolução que criou zona de exclusão aérea na Líbia, "esfriasse" os ânimos americanos. Isso não ocorreu. Entre os diplomatas, inclusive, a avaliação é que a própria decisão de Obama de não cancelar a viagem ao Brasil em meio à crise no Oriente Médio é um sinal de prestígio. Na sexta-feira,

cresceram os rumores de que a visita seria cancelada. E no sábado, logo após o encontro com Dilma e o início efetivo da ação militar em território líbio, correu boato de que Obama não iria ao Rio, como programado inicialmente.

Durante a reunião privada, no sábado, segundo apurou o Valor, em nenhum momento Obama cobrou do Brasil explicações pela decisão na ONU. Ele teria dito que foi contra a Guerra do Iraque e sabia, portanto, das consequências de uma decisão como a de atacar a Líbia.

O governo avalia que a visita do presidente americano foi além das expectativas. Além do "apreço" pelo interesse brasileiro na ONU, Obama declarou, em discurso feito no sábado para uma plateia de empresários, que "os EUA apoiam a ascensão do Brasil como um poder global". "Tem sido dito sempre que o Brasil é o país do futuro. Bem, o futuro chegou agora. E, apesar das incertezas dos últimos dois anos, o Brasil entrou no cenário mundial como um poder econômico e financeiro importante", disse Obama.

Segundo uma fonte palaciana, "os dois presidentes estão com uma química muito afinada, o que com certeza pode ajudar nas discussões daqui para frente". A franqueza de ambas as partes pontuou os encontros bilaterais. Um tema delicado para o Brasil - o déficit de US\$ 8 bilhões no comércio com os EUA - foi mencionado pela presidente Dilma.

A presidente destacou que o Brasil tem um superávit comercial com a China - feito alcançado por poucas nações no mundo -, mas se sente incomodado com o desequilíbrio na relação comercial com os EUA. Dilma criticou o câmbio americano, que dificulta um maior fluxo de produtos brasileiros para o mercado americano.

Obama também manifestou suas queixas. Ao defender a retomada da Rodada Doha como o fórum que reúne "todos os atores desse impasse global", Obama lembrou que, "quando a rodada foi iniciada, tanto o Brasil quanto a China estavam em um patamar muito diferente do atual. Hoje, as duas nações são potências e, por isso,

também devem aprender a ceder nas negociações multilaterais", defendeu o presidente americano.

Por fim, Obama elogiou as declarações de Dilma contra qualquer tipo de violação aos Direitos Humanos. (Colaborou Tarso Veloso)

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Eximbank anuncia linha de US\$ 1 bilhão		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

De Brasília

No próximo mês, a Petrobras começa a usar os primeiros US\$ 300 milhões da linha de US\$ 2 bilhões oferecida pelo Eximbank dos Estados Unidos para importação de equipamentos americanos, informou ao Valor o presidente do banco, Fred Hochberg. Ele anunciou ontem a criação de outra linha, de US\$ 1 bilhão, para obras de infraestrutura e investimentos para a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016, no Rio. Hochberg, que veio ao Brasil como parte da visita do presidente Barack Obama ao país, discute hoje com o governo do Rio e empresários propostas de uso dessa linha.

"Estamos prontos para começar agora a liberação do dinheiro", garantiu Hochberg, que prevê grande interesse das companhias americanas em fornecer, com financiamento do Eximbank, serviços de equipamentos de tecnologia de informação, geração de energia renovável e solar e segurança para os jogos.

Hochberg admitiu que, como se queixa o presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, a burocracia "incômoda" para liberação dos financiamentos do Eximbank desencoraja muitos potenciais beneficiários. "Está um pouco mais lento do que esperávamos", reconheceu, ao falar do desempenho da linha de financiamento à Petrobras. "Mas eu parablenizo a Petrobras pelo bom trabalho que está fazendo em nos mostrar maneiras de fazer a linha funcionar melhor."

Apesar da insatisfação da estatal, com quem já discutiu sobre a cooperação com o Eximbank em fevereiro, Hochberg disse ver possibilidade de "aumentar a velocidade" de aprovação dos projetos e liberação de financiamento. No fim de abril, ele voltará ao país para participar da versão latino-americana do Fórum Econômico Mundial e se reunir com interessados.

O interesse da Petrobras em ter o apoio do Eximbank para financiamento de investimentos no Brasil não tem chances de ser atendido, porém. "Somos basicamente um banco de apoio a exportações, é assim que operamos em 180 países", resumiu Hochberg. O executivo, cuja primeira viagem ao exterior como presidente do Eximbank foi ao Brasil, em 2009, disse que a visita de Obama ao Brasil reforçou o reconhecimento do país como potência econômica e financeira mundial.

O Brasil foi incluído entre as prioridades do Eximbank em uma lista de economias com crescimento rápido e necessidades de infraestrutura. A lista tem, ainda, México e Colômbia, na América Latina, Turquia, Nigéria, África do Sul, Indonésia, Índia e Vietnã. "São países onde nosso financiamento pode fazer alguma diferença", disse Hochberg. (SL, com Francisco Goes, do Rio)

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Chineses anunciam investimento de R\$ 4 bilhões no oeste da Bahia		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Alexandre Inacio e Fernando Lopes | De São Paulo e Luís Eduardo Magalhães (BA)

Depois de dois anos de negociação, o governo da Bahia conseguiu convencer os chineses. A Chong Qing Grain Group anunciou que começará a colocar em prática um projeto de R\$ 4 bilhões voltado ao agronegócio do oeste do Estado. O presidente da companhia chinesa, Hu Junlie, reuniu-se na última sexta-feira em Salvador com o secretário de agricultura do Estado, Eduardo Salles, para anunciar o plano, que prevê a construção de um complexo industrial para o processamento de soja em Barreiras, uma processadora de fertilizantes e um sistema de armazenagem e logística de grãos.

As obras da primeira fase do projeto, que envolve a construção da esmagadora de soja, devem ter início a partir de maio, logo depois de assinado o protocolo de intenções durante a reunião dos Bric - grupo formado pelo Brasil, Rússia, Índia e China - que acontece em abril, na China. "Esse é um momento **importante** para a Bahia. O governador Jaques Wagner assinará o protocolo em Pequim, o que permitirá que o grupo chinês já tenha acesso ao programa de incentivos fiscais do Estado e também de **importações** dos equipamentos necessários", disse Salles, ao Valor.

A planta será instalada em Barreiras, em uma área de 100 hectares, doada pela prefeitura do município e terá capacidade para processar metade da **produção** de soja do Estado. Quando entrar em plena operação a capacidade de esmagamento será de 1,5 milhão de toneladas, para uma safra de 3,1 milhões de toneladas na Bahia, conforme estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Terá capacidade ainda para refinar 300 mil toneladas de óleo e armazenar 400 mil toneladas de soja.

Com a indústria chinesa, o oeste baiano terá três fábricas de processamento de soja instaladas. Além da Cargill, que já tem uma esmagadora de soja em Barreiras, a Bunge tem sua planta em Luís Eduardo Magalhães, município 100 quilômetros a oeste dali.

A chegada de mais uma empresa na região é vista com bons olhos pelos produtores. Para o agricultor Clóvis Ceolin, que cultivou nesta safra 700 hectares de soja em São Desidério - 25 quilômetros ao sul de Barreiras - a empresa chinesa pode beneficiar toda a região, gerando empregos e valorizando a **produção** local.

"É um projeto bem-vindo porque acirra a concorrência, o que tende a elevar os preços pagos aos produtores", afirma Ceolin. Segundo o produtor, as negociações com os chineses não são recentes. Ele diz que participou de uma das últimas missões do governo da Bahia à China, no ano passado, e que desde então já se falava nesse projeto industrial.

Na avaliação do secretário de agricultura do Estado, a decisão do grupo chinês instalar um complexo industrial na região começa a mudar a ideia que a China estava interessada apenas em adquirir terras para **produção**. "Em todas as visitas que fizemos à China, sempre nos falavam da importância que o governo do país dava para a regularidade no fornecimento. E nossa resposta era para que eles fizessem a indústria e também tivessem uma **produção** própria para garantir essa autonomia da fábrica", afirma Salles.

Não é de hoje que os chineses olham para a Bahia. Em maio do ano passado, o governo do Estado assinou com o grupo Pallas um protocolo de intenções. A ideia era adquirir entre 200 mil e 250 mil hectares para **produção** de grãos e atuação em bioenergia.



VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
TÍTULO VISITA DE OBAMA TRAZ AVANÇOS PARA O <u>COMÉRCIO</u> ENTRE <u>Brasil</u> E EUA		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Tratados de cooperação econômica e de investimentos no pré-sal ofuscam lado político da turnê de presidente dos EUA

A concretização de acordos como o Tratado de Cooperação Econômica e Comercial (Teca) e o anúncio do Eximbank americano do financiamento deUS\$ 1 bilhão para investimentos no pré-sal foram os grandes destaques da visita ao país do presidente dos EUA, Barack Obama, segundo

analistas ouvidos pelo BRASIL ECONÔMICO. O Teca pode abrir espaço para redução das barreiras técnicas, um dos itens que mais atrapalham o **comércio** bilateral. Os avanços deixaram em segundo plano a sinalização de apoio dada por Obama à reivindicação de uma vaga para o **Brasil** no Conselho de Segurança da ONU, vista como

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO EXIMBANK VAI DEMORAR PARA SAIR DO PAPEL		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Já anunciado no ano passado dentro de um pacote de medidas que impulsionariam as **exportações** do país, a formação do Eximbank brasileiro vai aguardar mais alguns meses para sair do papel. "O Eximbank só vai existir depois que o governo tiver uma política pronta", garantiu secretário-executivo do **Mdic**, Alessandro Teixeira. A justificativa é que o banco de financiamento específico de vendas externas precisa ser ajustado ao perfil da nova Política de **Desenvolvimento Produtivo (PDP)**. Para ele, é preciso criar condições para que a versão de um **BNDES** Exim seja um elemento que tenha diretrizes claras para o fortalecimento e **desenvolvimento** das empresas voltadas ao **comércio** exterior no país. "Mas só a estrutura não serve de nada, tem de estar ligado a uma política, e essa nós estamos construindo ainda. A discussão anterior foi muito atabalhoada".

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO GOVERNO ESTUDA INCENTIVO A APORTES EM INOVAÇÃO		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Objetivo é ampliar a participação de fundos de investimento em projetos inovadores; medidas devem ser anunciadas até junho

Simone Cavalcanti, de Brasília

O governo quer atrair fundos de investimento para bancar empresas brasileiras em formação ou já constituídas, desde que apresentem grande potencial inovador. A proposta faz parte dos estudos que servirão como base da segunda fase da Política de **Desenvolvimento** Produtivo (PDP). O conjunto de medidas deve ser anunciado até junho.

O secretário-executivo do **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)**, Alessandro Teixeira, disse ao **Brasil ECONÔMICO** que já existem tratativas com a Associação Brasileira de Venture Capital (Abvecap) para direcionar os recursos, em especial de não residentes, para companhias com esse perfil. "Queremos que o **mercado** financeiro seja financiador dos processos de inovação e há instrumentos para isso, como Venture Capital, Capital Semente e o Business Angels (fundos anjos)", afirmou, lembrando que o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) tem um mapeamento das empresas inovadoras que pode ser fornecido aos interessados.

O atrativo do negócio é a própria taxa de retorno dos investimentos, que tende a ser maior do que outros empreendimentos no **mercado**. Por ora, a avaliação é que esse já seria um grande estímulo aos investidores, não sendo necessário, portanto, a concessão de incentivos tributários para estimular os investimentos.

Em países desenvolvidos, que têm inovação como mote de sua economia, esse tipo de projeto é financiado por instrumentos como os chamados fundos anjos. Os Estados Unidos são o principal exemplo. O Vale do Silício, considerado o berço das grandes empresas de tecnologia do planeta, como a Microsoft, surgiu a partir desse tipo de iniciativa. Prova disso é que o presidente Barack Obama, em

discurso ao Congresso daquele país, citou oito vezes a palavra inovação.

Recursos na transição

Enquanto a participação privada não engrena, o governo usa os instrumentos que têm à mão para ampliar os recursos disponíveis a esse nicho. A Financiadora Nacional de Estudos e Projetos (Finep) recebeu do Banco Nacional de **Desenvolvimento** Econômico e Social (**BNDES**) R\$ 1 bilhão para bancar projetos voltados à inovação. O próprio banco estatal, por meio do Programa de Sustentação do Investimento (PSI), tem uma linha para projetos nessa área com taxa de juros mais baixa, de 4% ao ano. Segundo Teixeira, em 2003, o **BNDES** não tinha projetos, linhas de crédito ou taxas especiais para inovação. Hoje, além desse tipo especial de financiamento, o banco também tem um programa para auxiliar as empresas a montar projetos.

Marco regulatório

Os formuladores da nova PDP ainda discutem o projeto, mas já é dado como certo que será necessário aprimorar os conceitos legais sobre inovação. "Vamos rever e aprofundar o marco legal", apontou Teixeira.

Essa proposta agrada a indústria, que ainda encontra restrições para se beneficiar das duas principais leis: a da Inovação e a do Bem.

Segundo Paulo Mol, gerente de Estudos e Políticas Industriais da Confederação Nacional da Indústria (CNI), há problemas de interpretação tanto dos fiscais da Receita Federal quanto dos empresários. De acordo com a lei, é possível abater do Imposto de Renda da Pessoa Jurídica (IRPJ) gastos com pesquisa e **desenvolvimento**, mas há discordância sobre como esses investimentos podem ser dedutíveis na tributação.

"Há áreas cinzentas que precisam ser aprimoradas na legislação para dar maior impulso aos projetos", conclui.

	VEÍCULO PORTAL PROTEC	EDITORIA	
	TÍTULO Tragédia no Japão leva empresas da <u>Zona Franca de Manaus</u> a buscar outros fornecedores		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

A iminente escassez de peças e componentes eletrônicos **importados** do Japão acendeu a luz amarela no radar do Polo Industrial de **Manaus**, a chamada **Zona Franca**, responsável por grande parte da **produção** de eletroeletrônicos e motocicletas do País. Empresas desses dois segmentos, que dependem de insumos de suas matrizes, estão suspendendo temporariamente sua **produção** para avaliar a situação e, se for o caso, redimensioná-la de acordo com o volume em estoque. Ao mesmo tempo, estudam opções para suprir uma possível falta de componentes essenciais por meio de outros canais de **importação**. Essa troca de fornecedores, alertam empresários do setor, poderá representar alta nos preços para o consumidor final.

"Se essa situação de escassez persistir, os preços vão subir para os fabricantes, e eles terão de repassar o aumento para o consumidor", disse Wilson Périco, presidente do Sinaees, sindicato que reúne as indústria de eletroeletrônicos de **Manaus**, lembrando que ainda há muitas **importações** do Japão em trânsito, o que deve amenizar o problema até as empresas concluírem uma avaliação mais precisa da situação.

Para a coordenadora de estudos econômicos da **Superintendência** da **Zona Franca** de **Manaus (Suframa)**, Ana Maria Souza, com a economia brasileira aquecida, os fabricantes precisam buscar alternativas para suprir a demanda. Segundo ela, é uma questão de sobrevivência as empresas buscarem outros **mercados** para se abastecerem de peças e componentes. A **Suframa** quer aproveitar a situação para fortalecer a cadeia de suprimentos local.

Com o boom nas vendas de motocicletas e eletroeletrônicos nos últimos anos, que respondem por 64% da **produção** do Polo Industrial de **Manaus**, os dois segmentos vêm passando por uma nacionalização crescente. Hoje, o índice de nacionalização dos eletrônicos está entre 49% e 52%, e o de motos, 75%. Mas a dependência ainda é grande em relação a peças e motores, no caso dos veículos, e a circuitos eletrônicos, placas e telas de cristal líquido (LCD).

	VEÍCULO PORTAL A CRITICA	EDITORIA	
	TÍTULO Dilma Rousseff lança em <u>Manaus</u> campanha contra câncer de mama e colo do útero		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Segundo informações da Agecom, repassadas pela precursora, algumas artistas participarão em Manaus do lançamento

acritica.com

A presidente Dilma Rousseff estará em Manaus nesta terça-feira (22) para lançar a Campanha Nacional contra o Câncer de Mama e de Colo de Útero.

O lançamento, que acontece às 10h no Teatro Amazonas, contará com a presença de artistas que fazem parte da campanha.

A equipe precursora da visita de Dilma Rousseff está em Manaus neste domingo (20) e confirmou a presença da atriz Cássia Kiss, das cantoras Maria Rita e Preta Gil, da ex-jogadora de basquete Hortênsia e da apresentadora Hebe Camargo, segundo informações da Agência de Comunicação (Agecom).

Na comitiva da presidente, está confirmada a presença do ministro da saúde, Alexandre Padilha. O evento, segundo a Agecom, é apenas para convidados, a maioria mulheres que

integram associações e redes sociais que lutam contra o câncer de mama e colo do útero.

De acordo com a Agecom, está previsto o lançamento de balões do lado de fora do Teatro Amazonas, como símbolo da campanha.

Os responsáveis pela agenda da presidente não informaram se ela chegará a Manaus nesta segunda-feira à noite ou apenas na terça-feira de manhã cedo.

Também não está confirmado se Dilma Rousseff terá outros compromissos em Manaus além do lançamento da campanha.

De acordo com informações anteriores da Agecom, Dilma Rousseff havia se comprometido em visitar o Amazonas em dezembro de 2011, durante reunião com o governador do Amazonas e os senadores Eduardo Braga e Vanessa Grazziotin.

Durante a campanha presidencial, Dilma não visitou o Amazonas, Estado que lhe deu a maior votação proporcional do país.